

ADONIS

VIOLÊNCIA E ISLÃO

Entrevistas com
Houria Abdelouahed

Tradução de Manuela Torres

Advertência

À morte do profeta Maomé seguiu-se a fundação do primeiro califado e a transformação do islão num regime político. A própria religião foi utilizada em lutas pelo poder. O povo, que estava unido em torno do profeta, conheceu divisões, discórdias e guerras. O islão tornou-se então uma guerra ideológica e o Corão foi interpretado em função dos conflitos de interesses. Foi assim que nasceu a cultura do *hadîth* e do *al-ijma* (o consenso).

O islão de hoje é esse islão histórico.

Este livro de entrevistas trata desse islão e da cultura que dele decorre. Para evitar qualquer confusão, digamos que só trata desse islão político, desde a fundação do primeiro califado até aos nossos dias.

Contamos abordar numa outra obra a violência no islão através de uma perspectiva filosófica e psicanalítica.

Paris, agosto de 2015

Adonis e Houria Abdelouahed

Uma primavera sem andorinhas

Houria Abdelouahed: Adonis, como se explica a derrota da primavera árabe?

Adonis: Inicialmente, a revolta árabe parecia um despertar. Um belíssimo despertar. Mas os acontecimentos que se seguiram a essa primavera árabe demonstraram que não se tratava de uma revolução mas sim de uma guerra, e que esta, em vez de se insurgir contra a tirania, tornou-se ela própria outra tirania. É certo que houve contestações sem recurso à violência. Mas elas foram esmagadas sob o peso dos acontecimentos que se seguiram ao início da sublevação. Além disso, essa revolução mostrou que era confessional, tribal e não cívica, muçulmana e não árabe. Ora, a situação da sociedade árabe deveria mudar radicalmente.

H: Radicalmente, ou seja: uma mudança no plano político, social, económico e cultural.

A: Absolutamente. O problema é que essa mudança colidiu com as eternas questões da religião e do poder. Os povos, lesados nos seus direitos, pensaram unicamente em

derrubar o poder constituído sem prestar a devida atenção à questão das instituições, à educação, à família, à liberdade da mulher e do indivíduo. Faltou de facto uma reflexão sobre o modo de fundar uma sociedade civil, isto é, a sociedade do cidadão.

H: Portanto, o erro terá sido que os indivíduos, esmagados pelo poder político, não puderam agir no sentido de uma verdadeira mudança e não conseguiram pensar na complexidade inerente a toda a mudança.

A: Sem dúvida. Trata-se de um erro de visão: não é possível, no seio de uma sociedade como a sociedade árabe, fazer uma revolução se ela não for assente no laicismo. Além disso, a aliança orgânica entre os rebeldes que se reclamaram dessa autoproclamada revolução e as forças estrangeiras foi um segundo erro. Porque, em vez de se considerarem independentes, os rebeldes estavam estreitamente ligados às forças estrangeiras.

H: Foram os indivíduos que solicitaram a intervenção do Ocidente ou foi o Ocidente que tirou partido dessa situação para controlar o esboço de uma revolta?

A: Ambas as coisas. E as consequências foram desastrosas. A aliança com o estrangeiro prejudicou esse movimento. Acresce que a violência armada desempenhou um papel importante na destruição da Revolução. As armas sofisticadas vinham em massa do exterior. Sabe-se que os revolucionários não podiam ter essas armas sem as forças

estrangeiras. Resultado: em vez de desestabilizarem os regimes ditatoriais, destruíram os seus países.

H: Mas se tomarmos o exemplo da Síria, o regime também praticou uma autêntica carnificina e participou na destruição.

A: É verdade. Mas uma revolução que pretende ser uma mudança não pode destruir o seu próprio país. É certo que o regime era violento, mas os rebeldes deviam evitar mergulhar o país no caos. E, ainda por cima, o fundamentalismo regressou, melhor organizado e mais cruel. Da esperança e desejo de ver melhores dias, mergulhou-se no obscurantismo. E, em vez de uma mudança portadora de esperança, vivemos um verdadeiro desastre. E ainda por cima não há uma palavra sobre a liberdade da mulher. Será possível falar de uma revolução árabe se a mulher continua prisioneira da xaria? O recurso à religião transformou essa primavera num inferno. Esta última foi interpretada e utilizada para fins ideológicos.

H: Foram os religiosos que aproveitaram a instabilidade da situação para esmagar a revolução ou é o homem árabe e muçulmano que, no seu foro interior, permanece profunda e fundamentalmente religioso?

A: Uma revolução deve, em princípio, refletir o nível dos revolucionários. Daí resulta que a importância de uma revolução num determinado país advém da qualidade dos revolucionários, da sua cultura, da sua relação com o laicismo, da

sua visão do mundo e das coisas do mundo. O que se passou em nome da revolução nos países árabes prova que a grande maioria da sociedade árabe ainda está dominada pela ignorância, pelo analfabetismo e pelo obscurantismo religioso. Uma revolução que descamba no obscurantismo nada tem de uma verdadeira revolução. É uma catástrofe, pois tínhamos iniciado uma marcha rumo a um futuro cheio de promessas, mas hoje estamos a recuar. E é uma regressão total.

H: Nessa regressão, retoma-se o familiar e o já conhecido. Em *Al-Kitâb III*, dizes:

«Alepo – Quantas vezes te revoltaste. O gládio cortava as cabeças dos teus filhos rebeldes [...] Quantas vezes abraçaste os tiranos!»

Quando se lê estes versos, tem-se a impressão de que se trata da Alepo de hoje. Na tua opinião, qual é o sentido dessa repetição? Porquê, há quinze séculos, essa submissão à lei do gládio?

A: Falou-se demasiado da primavera árabe como se ela nada tivesse a ver com o passado. Ora, há indubitavelmente uma relação com a nossa história. Antes de mais, esquece-se que tivemos revoluções mais radicais do que aquela que a primavera árabe prometia. Nomeadamente a dos Zinj¹, denominada a «Revolta dos Negros». Em seguida houve a

¹ A Revolta dos Zinj começou em 255 do calendário islâmico, durante o reinado dos Abássidas. Os rebeldes insurgiram-se contra as discriminações sociais e económicas. Fundaram um Estado a sul de Bassorá antes de serem vencidos pelo poder instituído.

revolução dos Carmatas², que apelaram para a instauração de um sistema que hoje poderíamos qualificar de socialista. Sem falar das pequenas revoluções que exigiam a liberdade e a igualdade de direitos. Essas revoluções, grandes ou pequenas, eram mais importantes e mais radicais do que a primavera árabe.

H: Posso fornecer um testemunho: nunca ouvi falar da revolução dos Zinj nem na dos Carmatas durante os meus estudos primários e secundários em Marrocos. Os manuais escolares mantinham-nos na ignorância. Foi durante os meus estudos universitários em França que descobri esses fabulosos movimentos de protesto e de luta contra o poder e contra a discriminação racial e social.

A: O problema é que a nossa história continua a ser a história de um regime de ditadura e não a história do povo. Do mesmo modo que a nossa cultura é a cultura do poder e do regime em vigor. Não se fala do povo, nem da sua revolta, e ainda menos das suas aspirações. Especula-se sempre sobre o poder e sobre o califa de Deus, esquecendo completamente os direitos dos cidadãos.

H: É verdade que para conhecer essas vertentes da história dos árabes é preciso dar prova de uma grande curiosidade

² Movimento dissidente do reino fatimida que criou um Estado em 899 da era cristã. Os Carmatas fundaram uma doutrina socialista baseada no respeito pelo trabalho e pela justa repartição da riqueza. Entraram em Meca em 317 do calendário islâmico e tomaram a Pedra Negra, que restituíram vinte anos mais tarde a troco de uma avultada quantia de dinheiro. Foram definitivamente exterminados em 1027 da era cristã.

e ter o gosto das leituras subversivas. Os *firaq bâtiniya* (os grupos batinitas³ que tinham uma visão política, entre os quais os Carmatas) não são ensinados nas escolas. E, como a polícia secreta circula nas universidades, o seu nome nunca é mencionado.

A: Os Carmatas representavam o apelo à igualdade, à partilha das riquezas e à luta contra a miséria e a pobreza. Eram progressistas e preconizavam o socialismo. Na sua perspectiva, o indivíduo trabalha e contribui para enriquecer o tesouro público, e este último redistribui a riqueza aos homens, a cada um segundo as suas necessidades e o seu trabalho.

H: Pioneiros do marxismo. É uma revolta contra o espírito de Otomão, o terceiro califa, que foi genro de Maomé e que enriquecia enormemente a sua família e os futuros Omíadas.

A: Podemos dizer que eles se insurgiram contra o exercício do primeiro islão, o do califado.

H: Otomão, que foi por duas vezes genro de Maomé, esqueceu o povo quando se tornou califa. O representante de Deus na terra tornou-se o mais injusto dos homens.

A: Foi por isso que foi cercado e depois assassinado em Medina em 656. A revolução contra Otomão congregou insurretos vindos de Meca, de Kufa (no Iraque) e do Egito.

³ Movimentos considerados extremamente perigosos por serem heréticos.

Essa revolução representava uma grande consciência política e um grande movimento de protesto.

H: Quanto aos Zinj, isto é, os Negros, devem ter combatido o racismo e as discriminações sociais.

A: Os Zinj eram contra a escravidão. Apelavam para a abolição das discriminações sociais baseadas na diferença entre as «raças». Proclamando a justiça para todos, defendiam a ideia de cidadania e de igualdade de direitos. A cidadania devia estar para lá da cor da pele e da classe social. Era esse desejo que animava a sua revolta. Eram mais radicais e mais avançados do que os rebeldes da primavera árabe.

H: Mas foram combatidos e exterminados. O extermínio faz parte da história do islão. É o que nos dizem as fontes históricas nas quais se apoia o *Al-Kitâb*.

A: Quando se fala do islão nesse contexto, é preciso distinguir dois níveis: o nível teórico estreitamente ligado ao poder e o nível constitucional e prático. O primeiro nível permanece imutável. Podemos resumi-lo da seguinte forma: o islão assenta em três pontos essenciais. Primeiro: o profeta Maomé é o sinete dos profetas. Segundo: as verdades transmitidas são, por conseguinte, verdades últimas. Terceiro: o indivíduo ou o crente nada tem a acrescentar ou a modificar. Deve contentar-se em obedecer aos preceitos. Ao longo da História, o poder demonstrou que sempre zelou por essa imutabilidade e essa perpetuação da concepção religiosa que acabo de invocar.